

A escrita uniformizada Timbira

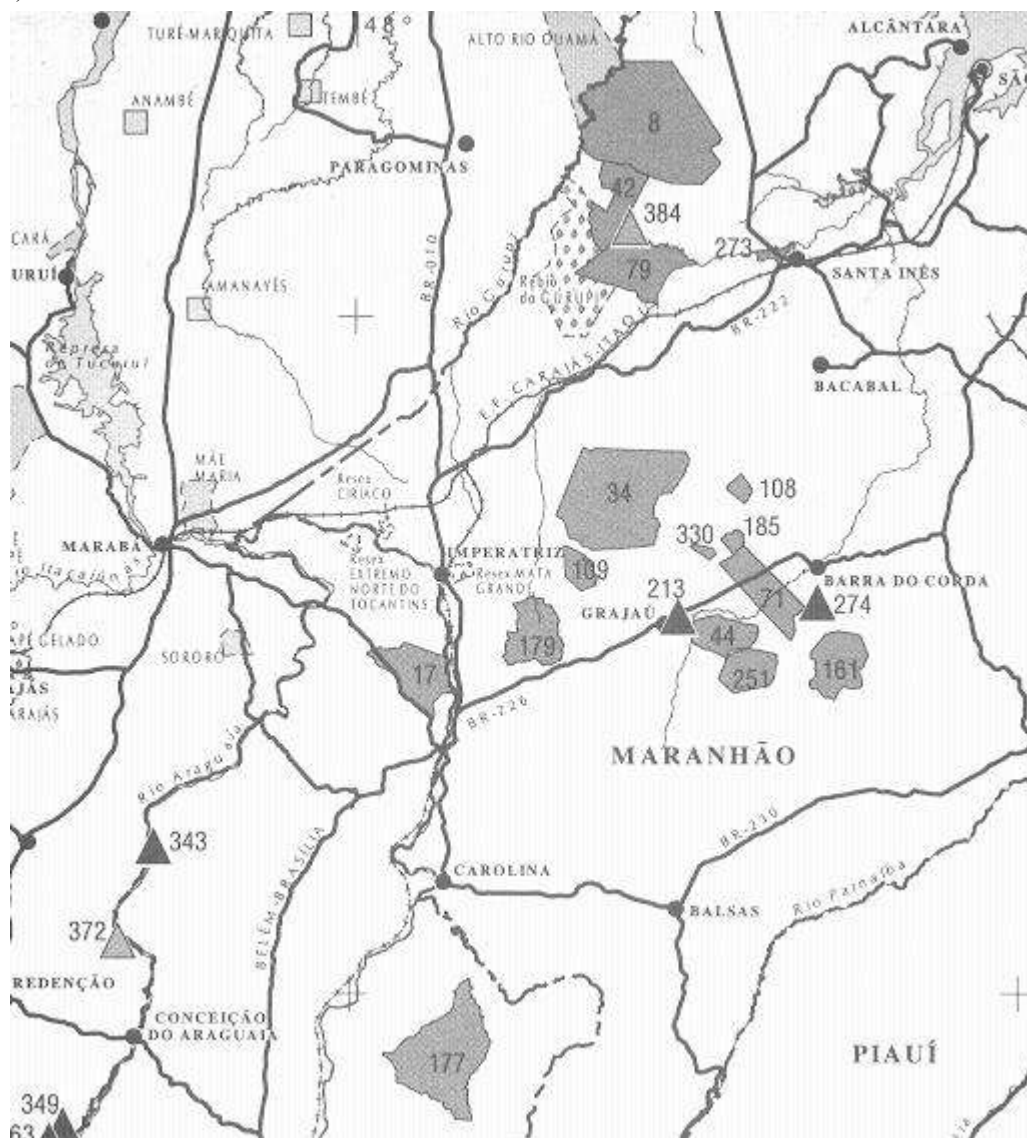
Flávia de Castro ALVES (Unicamp/Fapesp)

O etnólogo pioneiro no estudo dos povos Timbira foi o alemão Curt Unkel Nimuendajú. Em seu trabalho *The Eastern Timbira* (1946), o autor classifica sob o rótulo ‘Timbira’ 15 grupos (apesar das diferenças lingüísticas (e algumas sócio-culturais) entre os diferentes povos Timbira, de maneira geral, estes grupos eram suficientemente similares para serem considerados conjuntamente):

Timbira do Leste (à direita do Rio Tocantins)		Timbira do Oeste (à esquerda do Rio Tocantins)
Grupos do Norte	Grupos do Sul	
-Timbira de Araparytíua (Gurupí) - Kreyé de Bacabal - Kukoékamekrá de Bacabal	- Krëyé de Cajuapára - Kříkati - Pukobye - Gaviões do Oeste ou da Floresta - Krepumkateye - Krahô - Põrekamekra - Kénkateye - Apanyekra - Ramkokamekra - Čakamekra	- Apinayé

Atualmente, os Timbira somam uma população aproximada de seis mil indivíduos e são compostos pelos povos Apãniekrá, Ramkokamekrá (ambos conhecidos como Canela), Apinajé, Krahô, Kříkati, Parkatejê (Gaviões do Pará) e Pykobjê (Gaviões do Maranhão). Esses sete grupos vivem de maneira autônoma, distribuídos nos estados do Maranhão, Tocantins e Pará:

- Apinajé: Terra Indígena Apinayé (ref. mapa 17), municípios de Tocantinópolis, Itaguatins e Maurilândia (TO); estimativa da população 990 indivíduos (Funasa, 1999);
- Apãniekrá: Terra Indígena Porquinhos (ref. mapa 251), município de Barra do Corda (MA); estimativa da população 458 indivíduos (Funai Barra do Corda, 2000);
- Ramkokamekrá: Terra Indígena Kanela (ref. mapa 161), município de Barra do Corda (MA); estimativa da população 1387 indivíduos (Funai Barra do Corda, 2000);
- Krahô: Área Indígena Kraolândia (ref. mapa 177), municípios de Goiatins e Itacajá (TO); estimativa da população 1790 indivíduos (Funasa, 1999);
- Kříkati: Área Indígena Kříkati (ref. mapa 179) (ainda aguardando homologação e registro), municípios de Amarante, Montes Altos e Sítio Novo (MA); estimativa da população 620 indivíduos (Funai Imperatriz, 2000);
- Parkatejê: Terra Indígena Mãe Maria (ref. mapa Mãe Maria), município de Bom Jesus do Tocantins (PA); estimativa da população 414 indivíduos (Funai Marabá, 2000);
- Pykobjê: Área Indígena Governador (ref. mapa 109), município de Amarante (MA); estimativa da população 250 indivíduos (Funai Imperatriz: 1998).



Os Krepumkatejê (atualmente conhecidos sob a denominação Timbira), os Kreyê de Cajuapara e os Timbira de Araparitúia (ambos conhecidos atualmente como Krējê) já não vivem como grupos autônomos. Em número reduzido de indivíduos, esses grupos vivem atualmente com os Guajajara e os Tembê (falantes de línguas da família Tupi-Guarani):

- Krepumkatejê: Terra Indígena Geralda/Toco Preto (ref. mapa 108), município de Grajaú (MA); estimativa da população 60 indivíduos krepumkatejê e 80 indivíduos guajajara (Funai Barra do Corda, 2000);
- Krepumkatejê e Krējê de Cajuapara: Terra Indígena Rio Pindaré (ref. mapa 273), município de Bom Jardim (MA) (Schröder, 2002), estimativa da população krepumkatejê e krējê ?, estimativa população total 555 (grande maioria é guajajara) (Funai São Luís, 2000);
- Timbira do Araparitúia e dos Krējê de Cajuapara: Terra Indígena do Alto Guamá (ref. mapa Alto Rio Guamá), municípios de Paragominas, Nova Esperança do Piriá e Santa Luíza do Pará (MA) (Melatti, 1999), estimativa da população krējê ?, estimativa população total 922 (maioria da população composta por indivíduos dos povos guajá, urubu kaapor, tembê e munduruku) (Funai, 1999); Terra Indígena do Alto Turiaçu (ref. mapa 8, municípios de Carutapera, Cândido

Mendes, Turiaçu e Monção (MA) (Crocker, 2002), estimativa da população krêjê ?, estimativa população total 596 (maioria da população composta por indivíduos dos povos guajá, urubu kaapor e tembé) (Funai São Luís, 2000).

Os indivíduos pertencentes aos povos Kenkatejê, Krepumkatejê, Põrekamekrá e Txokamekrá vivem hoje espalhados entre os sete povos que vivem de maneira autônoma, citados anteriormente. Com relação aos Krejê de Bacabal, atualmente não há pessoas que se identifiquem como pertencentes a esse grupo (Melatti, 1999).

Sobre a língua falada por esses povos, Rodrigues (1986) afirma que o complexo lingüístico Timbira compreende as variantes faladas pelos Canela (Ramkokamekrá e Apãniekrá), Křĩkatí, Pukobjê (Gavião do Maranhão) Krêjê, Gavião Parkatejê e Krahô. Os Apinajê, embora do ponto de vista cultural possam ser considerados um povo Timbira, sua língua está mais próxima da língua Kayapó, e não do Timbira (Rodrigues, op.cit.). Minha proposta (Alves, 2004), no entanto, é considerar apenas Krahô, Křĩkatí, Gavião Pykobjê, Apãniekrá e Ramkokamekrá como dialetos da língua Timbira, seguindo o critério da autodemarcação lingüística (o mais importante símbolo da identidade coletiva entre todos os povos Timbira que fazem parte da Associação Wy'ty-Catê). Essa análise é subsidiada pelo trabalho de Campbell (1999), que considera que a definição de língua não é uma tarefa essencialmente lingüística, mas muitas vezes determinada por fatores políticos e sociais.

Desde 1993, através dos cursos de formação de professores organizados pelo Centro de Trabalho Indigenista¹ (CTI, uma organização não-governamental) e da realização de inúmeras oficinas com a Comissão de Professores Timbira² no Centro de Ensino e Pesquisa Timbira Pënxwÿj Hëmpejxÿ (com a minha assessoria), tem sido discutida a possibilidade de uma política lingüística consensual para a totalidade das aldeias abrangidas pelo Programa de Educação do CTI (Apinajê, Krahô, Křĩkatí, Krepumkatejê, Gavião Pykobjê, Apãniekrá e Ramkokamekrá). Estas discussões, levadas ao longo de dez anos, resultaram na definição de uma política lingüística que compreende uma proposta de grafia uniformizada para ser utilizada no contexto das escolas, na comunicação interna nas diferentes aldeias e na manifestação de logomarcas e nomes para a comunicação externa.

A questão dialetal e a elaboração da grafia uniformizada

Um acordo ortográfico não se resume a uma questão técnica. A construção de uma escrita 'padrão' está orientada muito mais por questões de natureza sócio-cultural e política do que propriamente lingüística. A definição das fronteiras língua/dialeto é um reflexo da necessidade de seus falantes de marcar a distância ou proximidade de uma língua/dialeto em relação à/ao outra/o. Um bom exemplo é a história da codificação lingüística do português do século XVI: os intelectuais portugueses

¹ Os Programas de Educação do CTI, entre eles o desenvolvido com os povos Timbira, têm como proposta contribuir para a manutenção de práticas sócio-culturais dos povos indígenas, capacitando-os para que elaborem e promovam seus próprios projetos de futuro numa perspectiva de respeito à diversidade cultural.

² A Comissão de Professores Timbira é como um "departamento" da Associação Wy'ty-Catê das Comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins, uma associação indígena que representa seis povos Timbira (Krahô, Apinajê, Křĩkatí, Gavião (Pykobjê), Canela Apãniekrá e Canela Ramkokamekrá) e que surgiu junto com a implantação do Projeto Frutos do Cerrado, em 1993. Esse Projeto, executado pela Associação Wy'ty-Catê e assessorado pelo CTI, é baseado numa parceria entre índios e pequenos produtores do Maranhão e Tocantins. As atividades estão basicamente direcionadas para os aspectos de fortalecimento da Wy'ty-Catê, geração de renda, preservação e conservação da biodiversidade do cerrado e sustentabilidade econômica a partir do aproveitamento de seus recursos naturais. Os frutos nativos coletados por índios e pequenos produtores são beneficiados na forma de polpa congelada para comercialização junto ao mercado consumidor. Além das atividades de coleta de frutas, que ocorrem no período que vai de setembro a fevereiro, em cada uma das 10 aldeias integrantes da Wy'ty-Catê estão instalados viveiros de mudas para trabalhar o plantio de espécies nativas, adensando áreas já produtivas e recuperando áreas desmatadas. Em três aldeias funcionam também unidades de pré-processamento de frutas.

codificaram o dialeto de maior prestígio (em detrimento dos outros), sendo que o acordo ortográfico resultante vem contribuindo para construir essa diferença.

Um conceito de língua abrange o sistema, que é do domínio de todos os falantes de uma mesma língua, e as normas, que, como variantes desse sistema, são do domínio de grupos sociais, regionais etc. (Coseriu, 1987). Em outras palavras, as variantes dialetais de uma mesma língua precisam compartilhar (em sua forma e função) categorias gramaticais, tais como pessoa, número, gênero, caso, tempo, aspecto, modo ou modalidade etc. Já foi dito que, nesses termos, o Apinajé não pode ser considerado, ao lado do Krahô, Krikatí, Gavião Pykobjê, Apãniekrá e Ramkokamekrá, um dialeto da língua Timbira (a evidência para essa consideração é que, embora a princípio possa parecer que o Apinajé se diferencie do Timbira apenas por aspectos que caracterizariam modos de realização das variantes de uma mesma língua, uma análise mais apurada mostra que o Apinajé não compartilha o mesmo sistema que o Timbira (com relação, por exemplo, à marcação de caso (Alves, 2004)). Por isso, do ponto de vista da Lingüística, é preciso considerar o Apinajé e o Timbira como línguas diferentes.

Mesmo que a Lingüística mostre que o Apinajé e o Timbira são línguas diferentes, do ponto de vista dos Timbira há que se chamar atenção para o fato de que a identidade lingüística é o mais importante símbolo da identidade coletiva entre todos os povos Timbira (incluindo aí o Apinajé). Por isso mesmo, os professores Apinajé seguem participando das discussões. Essa participação é imprescindível, uma vez que a grafia uniformizada precisa ser discutida e proposta por representantes de TODOS os povos Timbira (muitas das atividades desenvolvidas pelos professores Timbira não se definem independentemente, mas segundo a realidade e as expectativas desses povos).

Nesse sentido, os resultados do acordo Timbira se diferenciam enormemente da codificação lingüística do português do século XVI: intelectuais, professores, lideranças e comunidade vêm construindo uma escrita que seja visível, no plano gráfico, a semelhança entre os seus dialetos (para ‘nós que falamos a mesma língua’), uma vez que consideram que todos os dialetos são de prestígio. Dessa forma, a escrita uniformizada vem representar, simbolicamente, mais um instrumento de fortalecimento da unidade dos povos Timbira.

Durante todo esse processo, a minha função como lingüista tem sido principalmente a de desconstruir as histórias que contaram para os Timbira (inverdades muitas vezes usadas como ‘argumento de poder’): falando sobre os sistemas de escrita serem convenções, mostrando o mecanismo de elaboração de uma escrita, mostrando onde é que os Timbira estavam escrevendo diferente e/ou igual (porque com ou sem sistematização de grafia, eles já vinham escrevendo!), fazendo com que saibam que eles é que são os mais bem autorizados a propor e discutir uma escrita para a sua língua. E, por fim, provocando e mediando essa discussão.

Acredito que a proposta de criação de uma grafia é um processo longo, e que meu trabalho (que não precisa se resumir à produção de cartilhas em língua indígena) tem sido orientado pelas seguintes questões:

- ‘para que vocês querem uma grafia?’; e
- ‘que tipo de grafia eu, lingüista não indígena, estou ajudando a construir?’.

Para responder a essas questões (que, doce ilusão, para alguns parecem óbvias, mas que na verdade precisam ser amplamente discutidas ‘com a comunidade’), eles têm que ter em mente uma outra bem mais complexa:

- ‘qual é o futuro que os Timbira estão construindo?’

E o lingüista também:

- ‘como a grafia (e outras ações relativas à língua) pode ajudar a construir o futuro desses povos?’

Inventário de fonemas para exemplificar o Apinajé e a variação dialetal Timbira

Apinajé	Apãn/Ramko/ Krahô	Parkatêjê	Křĩkatí / Pykobyê
p t tʃ k ʔ	p t tʃ k ʔ	p t tʃ k ʔ	p t tʃ k k ^h ʔ
m n ɲ ŋ	m n ɲ ŋ	m n	m n
w r j	w r j h	w r j h	w r j h

Com relação às consoantes: ausência de h no Apinajé (ʔ); ausência de Křĩkatí ŋ (h); presença da oclusiva velar aspirada k^h que se opõe a velar não aspirada k em Gavião Pykobyê, oposição que é inexistente para o Apinajé, Apãniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Parkatêjê e Krikatí, que apresentam apenas o fonema não aspirado k. Considero essa variação uma diferença de análise. O segmento j em posição de coda apresenta, em alguns casos do Gavião Pykobjê, variações com s e ʃ (Sá, 1999).

Embora o inventário de fonemas seja praticamente o mesmo (com exceção do Apinajé, as variações parecem ser mais uma diferença de análise), há uma grande variação na distribuição das vogais nos seis dialetos. Essa variação vocálica é previsível e está representada na segunda tabela:

Apinajé	Apãn / Ramko / Krahô	Parkatêjê	Křĩkatí / Pykobyê
e ə o	e ə o	e ɣ o	i i u
i i u	i i u	i ʉ u	e ə o
ε ɜ ɔ	ε ɜ ɔ	ε ʌ ɔ	
a	a	a	a
ĩ ỹũ	ĩ ỹũ	ĩ ỹũ ã	
ẽ õ õ	ẽ õ	ẽ õ	ẽ õ
ã	ã	ã	ã

GRAFIA UNIFORMIZADA PARA OS DIALETOS TIMBIRA LETRAS APROVADAS EM 12 DE DEZEMBRO DE 2003

CONSOANTES:

p – t – x – c – k – ’ – m – n – g – w – j – r – h

VOGAIS:

a – e – ë – ẽ – ĩ – y – ÿ – ỹ – o – ö – õ – ã

Explicação das consoantes:

1) c – qu – k

Não vão usar **qu**

c para final da sílaba - *hapac*

c - k para início de sílaba - *ca, kop*

2) ’ – h

h para início de sílaba - *hapac*

’ para final de sílaba – *Pa’nõ*

3) **g – h**

Os Krikati vão escrever **h** onde os falantes dos outros dialetos timbira vão escrever **g** - *cahỹ / cagỹ, hõr / gõr*.

4) **j – x**

Os Gavião vão escrever **x** no final de algumas palavras, enquanto os falantes dos outros dialetos timbira vão escrever **j** - *ipoj / ejpux*.

5) **p – t – x – m – n – w – r**

Como em todos os dialetos timbira essas letras já estavam sendo escritas da mesma forma, elas foram mantidas.

Explicação das vogais:

1) **a – ã**

ca, pa
cahỹj, ãhỹ, mỹ

2) **y – ÿ**

Alguns povos vão dizer [ɜ] ou [ə], onde outros vão dizer vão escrever [ə] ou [i], mas todos vão escrever **ÿ** - *crÿ, hÿ, pÿ, kwÿr*.

Alguns povos vão dizer [i] onde outros vão dizer [ə], mas todos vão escrever **y** - *cökryt, tyc, kry*.

3) **e – ë**

Alguns vão dizer [ɛ] e outros vão dizer [e], mas todos vão escrever **e** - *tep, ate*.

Alguns vão dizer [e] e outros vão dizer [i], mas todos vão escrever **ë** - *caapër, catë*.

4) **o – ö**

Alguns vão dizer [ɔ] e outros [o], mas todos vão escrever **o** - *kop, ë'to*.

Alguns vão dizer [o] e outros vão dizer [u], mas todos vão escrever **ö** - *caprö, cömxë*.

5) **ẽ – ĩ**

Alguns vão dizer [ẽ] e outros vão dizer [ē], mas todos vão escrever **ẽ** - *cökrẽ, tẽ*.

Alguns vão dizer [ĩ] e outros vão dizer [ē], mas todos vão escrever **ĩ** - *pĩ, mĩ*.

6) **õ – ũ**

Alguns vão dizer [õ] e outros vão dizer [ō], mas todos vão escrever **õ** - *mõ, põ*.

Alguns vão dizer [ũ] e outros vão dizer [ō], mas todos vão escrever **ũ** - *ënxũ, hũmre*.

Kên Pým

Pom nẽ cormỹ mēatē kēn
pým jömpön nore ëtajë, ca ha mēanõ
amcro nõ'nỹ atyx
ëtarë acato nẽ ca hömpö,
nẽ ca mēanõ ajacrỳ. Xým
ate ë'höc cým harēn par.

Boaventura Xwa Xwa, Aldeia Governador

Pedra Caída

Vocês que ainda não conhecem a Pedra Caída, qualquer um de vocês, quando chegarem aqui em qualquer ano você vai conhecer e vai ficar muito feliz. Porque através desse texto você ouviu.

Ý hỳ pë xwa'nỹ jũm kÿrë ëta
mỹ mẽ ëtÿm xwỳ to mỗ a'crÿt wÿr nẽ mẽ
amjĩ to crênre nẽ mỹ mẽ tor mỹ pë mẽ
hakÿnpë pÿtxët nẽ ancrë nẽ ma hapỹ mỹ
mỗ nẽ amjĩ to pÿttë.

Ilton Ihprÿre Krahô, Aldeia Rio Vermelho

Era uma vez uma velha que saiu com seus netos para procurar caju. Eles encontraram um pé de caju e a velha mandou todos os netos subirem. Aí eles subiram no pé e de repente as crianças se transformaram em periquitos e voaram e foram embora. A velha chorou muito pedindo pra eles voltarem. Assim ela voltou e se transformou num tamanduá.